



O romance histórico contemporâneo: Natália Constâncio e a feminilidade virtuosa da Rainha Santa Isabel

Constâncio, N. (2022). *Romance de Dom Dinis: El-Rey que (nom) fez tudo quanto quis*. Colibri

Diomira Maria Cicci Pinto Faria

Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627, 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: diomiramaria@gmail.com

Received on April 12, 2024.
Accepted on September 16, 2024.

Ele, trovador. Ela, franciscana. Ele defende as fronteiras do reino. Ela acolhe mulheres vulneráveis. O que os une? Uma pesquisadora do século XVII investiga a história de D. Dinis e D. Isabel. Debruça-se sobre os arquivos disponíveis, foge do senso comum e revela ao leitor que o casal real não fez tudo que queria.

O *Romance de Dom Dinis: El Rey que (nom) fez tudo quanto quis* nos transporta para o ano de 1279, quando D. Dinis, filho predileto do rei Afonso III e herdeiro natural ao trono de Portugal, acolhe seu pai em seus instantes derradeiros. Com esse gesto, a personalidade do futuro rei se apresenta: prudência, inteligência, benevolência.

D. Dinis assume, então, o trono, e a trama passa a concentrar-se em seu reinado. Aos 18 anos, o jovem rei ainda se encontrava ‘sem esposa que lhe embelezasse o reino’. Entre várias possibilidades de matrimônio, escolhe a neta de D. Jaime I de Aragão, embora não saiba precisamente o motivo que o leva a essa decisão: “[...] era como se a sua alma o empurrasse para a infanta aragonesa, tal como faz o sopro do vento que, nos dias invernosos, assobia às árvores, despindo-as das folhas que faz levitar” (Constâncio, 2022, p. 69).

Bem se percebe a linguagem romântica que a escritora empresta à narradora para contar-nos os fatos marcantes da vida de El-Rey: as negociações para o casamento; a renúncia à vida monástica pela infanta Isabel; a penosa celebração do casamento; o jejum da rainha durante a festa de casamento; as surpresas de um marido ao conhecer os hábitos singulares de sua esposa; a primeira noite de um rei com sua amada; o milagre da rainha; o empenho de D. Dinis para implantar os Estudos Gerais em Lisboa e, posteriormente, em Coimbra.

Entrelaçam-se fatos históricos à imaginação da escritora, mas a teia é tão bem elaborada que realidade e ficção se fundem e acreditamos integralmente no sermão do Padre Vieira, especialmente quanto às virtudes da rainha.

O leitor acompanha o fascínio da narradora por D. Isabel, a busca de referências sobre a rainha em acervos disponibilizados através de troca de favores. Aliás, embora o romance tenha o nome do rei, chama a atenção a vida de uma mulher que, aos dez anos, estava convicta de sua vocação religiosa, mas a vida lhe impõe obedecer ao pedido do pai, Pedro III de Aragão, para unir-se ao rei de Portugal. Assim fez para manter as boas relações entre os dois reinos. Seria a missão da rainha a manutenção da paz entre os povos? Ouvi essa hipótese de uma historiadora no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, ao percorrer os mesmos passos que a narradora. Eu também instigada a conhecer mais sobre D. Isabel.

Mas são os conflitos dos protagonistas frente a responsabilidades não escolhidas que nos comovem. D. Dinis deve fazer acordos para manter a paz, educar seu povo, mas também escrever poesias, declamar, chorar a morte do neto que leva seu nome. A evolução e transformação do personagem nos surpreende: se a prudência e o respeito são revelados logo no início da trama, o amor por Isabel, no decorrer do romance, o torna um personagem mais complexo. Quando diz “Liberto-vos [...]” (Constâncio, 2022, p. 232) para a rainha, sentimos toda a angústia e desapego de um homem que compreende os princípios de sua companheira e resigna-se a elas.

Compartilhamos os conflitos que dividem D. Isabel: de um lado, as sensações provocadas pela estima a D. Dinis e, por outro, o compromisso religioso. A determinação da rainha é expressa por suas ações inovadoras a favor da caridade, da defesa da família e do reino de Aragão.

Ao encerrar a leitura do *Romance de Dom Dinis*, permanece em nosso imaginário o difícil convívio entre uma rainha considerada santa e um rei trovador. Talvez a poesia seja a responsável pela permissão do amor entre eles. Ou talvez o idealismo seja responsável pela admiração mútua.

Mas existe um outro aspecto a ser considerado: a voz narrativa. Adviria de uma mulher dos ‘seiscentos’? Tudo indica que, embora o sermão do Padre Vieira a tenha influenciado a pesquisar a vida da rainha, a fala feminista da narradora ao final do romance revela ser ela, também, uma mulher de ideias avançadas.

A narradora deixa brechas com as quais o leitor pode ir além, se subverter e não se guiar somente pelo texto.

No final do romance, sabe-se que a rainha interveio constantemente na vida do reino. Começou na época do casamento, quando intercedeu pelos agricultores. Uma viagem a Coimbra e uma pesquisa biográfica revelam que apoiou a rebelião do infante D. Afonso contra D. Dinis, dando seu apoio ao filho legítimo; atuou em prol de casas monásticas, como o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Além disso, ações sociais da rainha são mencionadas em várias ocasiões: na implantação do Hospital dos Inocentes, em Santarém; na educação de crianças pobres; na criação da mercearia de Leiria para cuidar de mulheres abandonadas; e ainda na construção de casas, em Coimbra e Torres Novas, com o intuito de acolher prostitutas arrependidas. Tudo isso em plena Idade Média!

A rainha soube aproveitar as condições nas quais viveu para seus atos de caridade, espaço reservado e aceito socialmente para a atuação das mulheres naquela época. Pode-se considerar D. Isabel um exemplo de feminilidade virtuosa dentro do contexto da sociedade do século XIV (Melo, 2012).

Posso arriscar a dizer que, se a escritora mirou em D. Dinis, a narradora se identificou com D. Isabel ao serem as duas (será que a escritora também?) mulheres de vanguarda. Nesse sentido, a narradora poderia ser Cristina di Pisano (séc XIV)? Ou Lucrecia Marinella (séc XVI)? Ambas, nascidas em Veneza, tiveram a oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas, notadamente a escrita de poesias e romances, muitas vezes enaltecendo as mulheres, e foram reconhecidas em seu tempo.

Lembrei-me de um conto do escritor brasileiro Guimarães Rosa (2011), denomina-se ‘Cara de bronze’: um fazendeiro doente e recluso escolhe entre seus trabalhadores aquele que viajaria por um período para trazer-lhe notícias dos acontecimentos do mundo. O fazendeiro escolheu aquele que mais fabulava, aquele que lhe permitia desabrochar a imaginação. A escrita de Natália Constâncio é assim: tem a capacidade de levar o leitor ao século XIII, envolve-lo com o enredo, com os personagens, estimulando-o a deixar vir à tona sua imaginação sobre essa época e seus acontecimentos. A literatura de Constâncio dá coragem ao leitor, coragem para fantasiar e, então, algo novo acontece (Queiroz, 2012).

Referências

- Melo, J. R. (2012). *O género feminino em discussão: re-presentações da mulher na arte tumular medieval portuguesa: projectos, processos e materializações* [Tese de Doutoramento em História da Arte, Universidade de León]. Repertório Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/handle/10362/10800>
- Queiroz, B. C. (2012). Dossiê Bartolomeu Campos de Queiroz. *Palavra*, 4(3), 14-63. https://issuu.com/sescbrasil/docs/revista_-_palavra_2012_web
- Guimarães Rosa, J. (2011). *No Urubuquaquá, no Pinhém (corpo de baile)*. Nova Fronteira.